



A argumentatividade nos imaginários sociodiscursivos de intolerância Uma análise da polêmica gerada por comentários sobre um discurso religioso

Karina Zandonadi Nunes

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil.
orcid.org/0000-0002-8779-4848

Mônica Santos de Souza Melo

Universidade Federal de Viçosa (UFV), Brasil
Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq
orcid.org/0000-0002-6502-9280

A partir de uma polêmica causada pela postagem de um vídeo no Twitter do Papa Francisco, inúmeros comentários intolerantes foram veiculados como forma de resposta a tal publicação. Isso foi possível graças ao processo de mediatização do discurso religioso e também a diferentes acontecimentos políticos, responsáveis por uma polarização da sociedade brasileira. Nosso objetivo é analisar a argumentatividade presente em tais respostas a partir das noções de imaginários sociodiscursivos, de Charaudeau (2008, 2009, 2015), e também o conceito de temática, proposto por Barros (2011) e Melo (2020). Identificamos cinco imaginários sociodiscursivos de intolerância entre os comentários analisados e os classificamos em quatro tipologias diferentes. Nossas investigações apontam para o entendimento de que a intolerância verbal presente nas respostas possui forte sentido de argumentatividade social, uma vez que este tipo de discurso não se limita ao ambiente cibernético, mas reflete a sociedade intolerante na qual estamos vivendo.

Palavras-chave: Imaginários sociodiscursivos. Intolerância verbal. Argumentação. Polêmica.

La argumentatividad en imaginarios sociodiscursivos de intolerancia: un análisis de la polémica causada por comentarios sobre un discurso religioso

De una polémica originada por la publicación de un video en Twitter del Papa Francisco, han vehiculado muchos comentarios intolerantes como una respuesta a dicha publicación. Esto ha sido posible gracias al proceso de mediatización del discurso religioso y a los diferentes acontecimientos políticos, responsables de esta polarización de la sociedad brasileña. El objetivo es analizar la argumentatividad que está presente en estas respuestas a partir de las nociones de imaginarios sociodiscursivos de Charaudeau (2008, 2009, 2015), además del concepto de temática, propuesto por Barros (2011) y Melo (2020). Hemos identificado cinco imaginarios sociodiscursivos de intolerancia entre los comentarios analizados y los clasificamos en cuatro tipologías diferentes. Nuestras investigaciones apuntan al entendimiento de que la intolerancia verbal presente en las respuestas tiene fuerte sentido de argumentatividad social, visto que este tipo de discurso no se limita al contexto cibernético, sino que refleja la sociedad intolerante en la que estamos viviendo.

Palabras clave: Imaginarios sociodiscursivos. Intolerancia verbal. Argumentación. Polémica.

Argumentativeness in intolerant socio-discursive imaginaries: an analysis of the polemic engendered by comments about a religious discourse

Starting from a polemic caused by a Pope Francis' post on Twitter, several intolerant comments were made as a way to respond such publication. This was only possible due to the process of mediatization of religious discourse and also due to different political events that were responsible for Brazilian society's polarization. Our aim is to analyze argumentativeness in those responses from the perspective of Charadeau's socio-discursive imaginaries (2008, 2009, 2015) and also the concept of thematic, suggested by Barros (2011) and Melo (2020). We identified five socio-discursive imaginaries between the analyzed comments and we were able to classify them into five different types. Our investigations point to an understanding that the verbal intolerance in comments on social media has a strong sense of argumentativeness, since this type of discourse is not limited to cybernetic environment, reflecting the intolerant society in which we live.

Keywords: Socio-discursive imaginaries. Verbal Intolerance. Argumentativeness. Polemic.

Introdução

Estudar e pesquisar sobre os fenômenos sociais que se materializam por meio da internet na atualidade significa também estudar e pesquisar a sociedade em si, uma vez que esta ferramenta se tornou, de acordo com Castells (2003, p. 287), base constituinte da materialidade de diferentes formas de trabalho, relação e comunicação das sociedades pós-modernas. A possibilidade de encontrarmos a internet em todos os âmbitos sociais demonstra, então, que os fenômenos ocorridos no ambiente cibernético já refletem a realidade da vida cotidiana fora deste meio.

Ao tratarmos das pesquisas sobre fenômenos que envolvem a linguagem, o uso da internet passou a ser uma ferramenta amplamente utilizada. Os estudos sobre as redes sociais digitais têm ganhado cada vez mais espaço e se mostrado progressivamente mais pertinentes, visto que, como mencionamos anteriormente, eles têm a capacidade de refletir as relações sociais de maneira geral.

Dentre os diferentes trabalhos que são realizados sobre esta temática, o presente artigo é um recorte do resultado final de uma Dissertação de Mestrado, que buscou investigar e analisar comentários intolerantes realizados em uma rede social digital.

Entendemos que características como a interatividade, a liberdade de expressão, além das múltiplas possibilidades de uso fazem com que a internet seja um recurso fundamental para a sociedade atualmente, mas temos observado que esta ferramenta tem sido utilizada, em alguns casos, de forma indiscriminada. Isso ocorre porque a rede tem, segundo Loveluck (2018), a capacidade de auto-organização, entendida como a competência para “se governar a si mesma, ou seja, para atingir um estado de equilíbrio dinâmico com base na circulação da informação em seu cerne” (LOVELUCK, 2018, p. 16-17). Em outras palavras, isto significa dizer que não há, concretamente, um controle soberano e efetivo sobre o uso da internet, uma vez que ela própria seria a responsável por sua regulação.

Por causa dessa noção generalizada de que não há vigilância sobre este domínio, qualquer tipo de manifestação passa a ser plausível no ambiente cibernético, incluindo aquelas que podem ser intolerantes e potencialmente ofensivas a outros internautas. É nesta esfera que nosso trabalho está inserido.

Dentre os diferentes domínios sociais em que a internet é amplamente utilizada, o âmbito religioso é um dos que se destaca pela crescente midiaticização.

Este processo, de acordo com Braga (2008), se trata de um atravessamento entre os mais diversos campos sociais com a mídia. A midiatização do discurso religioso, então, seria o entrecruzamento de religião e mídia com a finalidade de proporcionar novos modos de expressão além dos tradicionais encontros nos templos, o que restringia a mensagem religiosa a um espaço físico (ASSIS; MELO, 2017, p. 86).

Em meio a diversas outras instituições religiosas, a que mais se destaca ainda nos dias de hoje é a Igreja Católica. Com sua influência consolidada através dos séculos, esta instituição tem como seu maior representante o Papa Francisco, que defende “uma Igreja pobre e para os pobres” (AQUINO JUNIOR, 2016), se posicionando, frequentemente, a favor da defesa de populações vulneráveis.

Um dos meios pelo qual o Papa se comunica com os fiéis é fazendo uso das redes sociais digitais. Suas contas em sites como Instagram, Facebook e Twitter divulgam mensagens de cunho religioso e também social para que os católicos possam acompanhar ensinamentos da doutrina católica. Isso possibilita também que haja uma aproximação dos fiéis com a instituição Igreja. Em contrapartida, outra porta que se abre é a da instância de recepção. Assim como a Igreja Católica passa a se comunicar mais facilmente com os fiéis, estes passam a poder reagir, comentar e compartilhar as publicações, demonstrando seu apoio ou descontentamento sobre uma determinada postagem. E a noção de que a internet é um ambiente sem controles rígidos pode ser suficiente para que os usuários demonstrem suas discordâncias sem qualquer tipo de polidez, podendo chegar a episódios de intolerância e violência verbal.

Em julho de 2019, a conta oficial do Twitter de Francisco em português postou um vídeo¹ sobre a necessidade daqueles que administram a justiça operarem com integridade e isto causou um aumento considerável na quantidade de interações na rede social de Francisco, alcançando a marca de mais de sete mil respostas na publicação em questão. Tal alteração se deve, como abordaremos mais adiante, a motivações sociais, como a polarização política entre direita e esquerda brasileira, que acabou transformando uma postagem de Francisco em uma polêmica.

As polêmicas, entretanto, não têm implicações somente no discurso dos usuários de redes sociais digitais. Ao proferir um comentário, um internauta dialoga e argumenta em favor daqueles que concordam com sua opinião enquanto, simultaneamente, usa as mesmas premissas para rechaçar opiniões contrárias. Esta atitude reforça a noção de que todo discurso, a partir da tomada de posição de seu enunciador, será essencialmente argumentativo.

¹ Disponível em: https://twitter.com/Pontifex_pt/status/1146776928197795841 Acesso em: 18 dez. 2020

Entendendo o caráter naturalmente argumentativo de determinados discursos, evidenciamos ainda que, para Charaudeau (2015), a análise dos imaginários sociodiscursivos é importante no âmbito dos estudos linguageiros porque representa uma visão de mundo coletiva, partilhada por determinado grupo e que pretende defender e reforçar a identidade dessa comunidade específica. Ou seja, compreender os imaginários mobilizados em um determinado episódio discursivo significa compreender o pensamento de uma parcela social em dada situação e, conseqüentemente, entender também como a argumentatividade dos discursos sociais pode afetar a sociedade como um todo.

Sabendo disso, optamos por apresentar uma análise, a partir da Teoria Semiolinguística do Discurso, de Patrick Charaudeau, da argumentatividade presente nos imaginários sociodiscursivos de intolerância que foram gerados pela polêmica social causada pela publicação no Twitter de Francisco. Antes de evidenciar quais foram os imaginários identificados e analisados, faremos uma breve elucidação sobre o discurso polêmico e como ele pode se tornar um fator contribuinte para desencadear o discurso intolerante. Trataremos também das características inerentes ao discurso intolerante, dos imaginários sociodiscursivos de acordo com a Teoria Semiolinguística. Explicitaremos ainda as etapas de identificação, seleção e análise do *corpus* e, finalmente, apresentaremos os imaginários sociodiscursivos de intolerância identificados na pesquisa.

1 Discurso polêmico como fator desencadeador da intolerância

A polêmica nos discursos vem sendo pesquisada em diferentes âmbitos para que seja possível compreender como seu uso interfere nas relações sociais, mas principalmente também para entender como este tipo de discurso é capaz de influenciar opiniões terceiras em relação a debates públicos.

Quando tratamos do estudo da polêmica e do discurso polêmico, Amossy (2017a; 2017b) pontua que é necessário levar em conta o caráter naturalmente dialógico da polêmica, ou seja, é preciso pensar que um discurso polêmico sempre fala para dois grupos distintos: fala àqueles que pensam da mesma forma e fala em oposição aos que pensam de forma diferente. Isto quer dizer que um determinado discurso, para ser considerado polêmico, sempre irá envolver duas posições antagônicas e que representam um embate entre si.

Amossy (2017a) defende ainda que para ser configurada como tal, é necessário que a polêmica aborde um assunto de interesse público. Sabendo disso, compreendemos, então, que uma polêmica pode ser desencadeada por diversos

assuntos, desde que temas relevantes para uma determinada sociedade em um determinado contexto social, histórico, geográfico e político sejam abordados. Assim, uma mesma temática pode ser considerada muito polêmica em um grupo e nada polêmica em outro.

É essencial notar também que a polêmica se caracteriza por um embate ideológico do *nós* x *eles*. Para que seja possível fortalecer o *nós*, é necessário que haja o enfraquecimento do *eles*. Por isso dizemos que a polêmica possui um forte caráter argumentativo e identitário. De acordo com Amossy (2017b, p. 242), “trata-se de reforçar uma identidade de grupo e uma adesão a um universo de valores comuns”. Só é possível persuadir um lado se o outro for recusado, preterido.

Pensando em tais apontamentos e compreendendo a polêmica como um tipo de discurso que visa não somente argumentar a favor do *nós*, mas também enfraquecer o *eles*, entendemos que a intolerância verbal pode ser percebida como uma consequência da polêmica, gerada em um contexto de embate entre dois grupos opostos. Para entender como os imaginários sociodiscursivos de intolerância se manifestaram, iremos traçar um breve apanhado teórico sobre os discursos intolerantes.

2 Discurso intolerante

Da mesma forma que a polêmica, os discursos intolerantes também apresentam um embate ideológico entre dois grupos polarizados por causa de discordâncias, mas há um desacordo ainda mais profundo do que uma desavença entre as convicções pessoais de cada uma das partes. Na intolerância verbal, há um sentimento de repulsa exacerbado em relação ao *eles*. Não apenas as opiniões do outro são motivo de dissenso, mas a própria identidade e existência do opositor é alvo do embate discursivo.

Isso acontece porque “os discursos intolerantes consideram o ‘diferente’ como aquele que rompe pactos e acordos sociais, por não ser humano, por ser contrário à natureza, por ser doente e sem ética ou estética, e que, por isso mesmo, é temido, odiado, sancionado negativamente e punido” (BARROS, 2016, p. 9). O discurso intolerante pode ser compreendido, em suma, como uma tentativa de negar e prejudicar o discurso e a identidade do outro, que passa a ser visto como “não-humano ou animalizado, antinatural e anormal, doente, sem estética e sem ética” (BARROS, 2011, p. 16).

Assim como ocorre no discurso polêmico, a argumentatividade do discurso intolerante se baseia na necessidade de reafirmar os próprios ideais enquanto os ideais alheios são totalmente recusados. A argumentação não se dá visando ao convencimento dos que pensam de forma contraditória, mas sim pensando unicamente em fortalecer o nós. Na internet, os usuários que proferem comentários intolerantes não estão preocupados em estabelecer um diálogo com opositores. A argumentatividade do discurso intolerante de mostra por meio da tentativa de convencer, em um nível ainda mais profundo, aqueles que já compartilham de um mesmo pensamento.

Barros (2016) aponta ainda que

O sujeito do ódio em relação ao estrangeiro, ao diferente, aos “maus” usuários da língua, é também o sujeito do amor à pátria, à sua língua, ao seu grupo étnico, aos de sua cor, à sua religião, ou seja, complementam-se as paixões malevolentes do ódio em relação ao “diferente” e as paixões benevolentes do amor aos “iguais”. Essa é a fase do preconceito, a primeira fase da intolerância e a mais passional. A segunda fase, a da intolerância propriamente dita, é aquela em que o sujeito preconceituoso passa à ação, ou seja, age contra o outro, que ele considera o causador de suas perdas e que odeia. (BARROS, 2016, p. 8)

Isso significa dizer que os sujeitos intolerantes fazem uso da intolerância porque acreditam que estão praticando o bem em nome de algo maior do que a própria individualidade. Acreditam que a melhor forma de proteger e defender o nós é por meio dos insultos e agressões ao *eles*. Acreditam que a maneira mais eficaz de demonstrar o amor aos seus iguais é manifestando o ódio aos diferentes. E esses sentimentos são postos em ação por meio do discurso, em que um enunciador exterioriza essas opiniões pela intolerância verbal. Para Bueno (2020, p. 46), “essa é uma das características do sujeito intolerante: querer fazer mal ao diferente ao mesmo tempo em que quer fazer bem aos seus semelhantes”.

É por isso que os discursos intolerantes devem, sim, ser considerados e estudados como um problema social. Para isso, é necessário levar em consideração que a intolerância verbal é apenas um dos indícios de que as sociedades têm se mostrado cada vez mais intolerantes, uma vez que nenhum fenômeno social é feito de manifestações esporádicas ou isoladas. Se os discursos intolerantes estão cada vez mais presentes na internet, isso significa dizer que as pessoas também estão mais intolerantes. Os discursos são produto da sociedade nas quais são veiculados. É a partir dos discursos que podemos identificar os imaginários sociodiscursivos mais recorrentes em determinados grupos sociais e, então, compreender e interpretar o contexto de uma determinada sociedade.

3 Imaginários sociodiscursivos

Os imaginários sociodiscursivos são uma categoria teórica e analítica cunhada por Patrick Charaudeau, como parte da Teoria Semiolinguística do Discurso, para explicar como algumas noções são socialmente partilhadas e capazes de representar uma determinada percepção da realidade.

Este conceito é constituído a partir da concepção de representações sociais, cunhado principalmente por Moscovici (2007) a partir de Durkheim, que visa explicar que a percepção humana de um determinado acontecimento é coletiva, ainda que perpassada por impressões pessoais. O conhecimento compartilhado seria, então, permeado por simbologias sociais, constituídas pela junção das experiências em ambientes sociais e relações interpessoais do indivíduo.

Charaudeau avança ao colocar o conceito de discurso no centro da mecânica de representações. O autor propõe que a noção de representações sociais, na Semiolinguística, não seria parte constituinte dos imaginários, mas, sim, uma mecânica que dá origem aos saberes e aos imaginários. Ele afirma que

à medida em que os imaginários são representações sociais, eles constroem o real como universo de significação, segundo o princípio de coerência, falaremos de “imaginários”. E tendo em vista que estes são identificados por enunciados linguageiros produzidos de diferentes formas, mas semanticamente reagrupáveis, nós os chamaremos de “imaginários discursivos”. Enfim, considerando que circulam no interior de um grupo social, instituindo-se em normas de referência por seus membros, falaremos de “imaginários sociodiscursivos”. Estas são ‘sociodiscursivas’ porque são representações construídas pelo dizer, sendo pois perceptíveis e identificáveis nos e pelos discursos que circulam nos grupos sociais. (CHARAUDEAU, 2008, p. 203).

Em suma, os imaginários sociodiscursivos são uma maneira pela qual o sujeito constrói o real significante, sendo que é necessário levar em consideração que tal sujeito está inserido em um contexto social e que todo esse processo de interpretação da realidade será feito por meio do discurso.

Diante desta caracterização, entendemos por que Charaudeau afirma que os imaginários são interpretações da realidade. Para o autor, “o imaginário não pode não pretender testemunhar uma verdade e, conseqüentemente, todo imaginário é um imaginário de verdade que essencializa a percepção do mundo em um saber (provisoriamente) absoluto” (CHARAUDEAU, 2008, p. 205). Dessa forma, todo imaginário deve ser compreendido como verdadeiro, uma vez que ele o é naquele determinado contexto.

Sabendo disso, é possível começar a relacionar a intolerância com os imaginários sociodiscursivos. O discurso intolerante argumenta visando a um “crer verdadeiro” que não depende de evidências, mas da adesão e convicção dos sujeitos participantes, passando a ter um fim argumentativo. Assim, todo imaginário intolerante terá um valor de verdade absoluta por ser partilhado em uma determinada comunidade.

Podemos afirmar, então, que os imaginários testemunham uma visão de mundo, uma interpretação da realidade. Por serem socialmente partilhados, os imaginários sociodiscursivos estão, de acordo com Chraudeau, “de tal modo assimilados pelos membros do grupo social que funcionam de maneira natural, como uma evidência partilhada por todos” (CHARAUDEAU, 2008, p. 205). Isso significa dizer que dificilmente um indivíduo poderá se distanciar ou mudar os imaginários de um grupo social, ainda que sua visão particular mude. Cabe, então, ao analista do discurso “ver como aparecem os imaginários, em qual situação comunicativa eles se inscrevem e qual visão de mundo eles testemunham” (CHARAUDEAU, 2009, p. 587). Isso é o que faremos em nossa seção de análise.

4 Identificação, seleção e análise do corpus

O *corpus* de nossa pesquisa é composto pelos comentários intolerantes que foram postados como resposta à postagem feita na conta do Papa Francisco (@Pontifex_pt), no Twitter, veiculada no dia 04 de julho de 2019 às 10h45 no horário de Brasília.

A coleta dos dados foi finalizada no dia 22 de maio de 2020 e foi realizada por meio de uma API (Application Programming Interface) chamada Twitter Scraping, que reuniu 5639 (cinco mil, seiscentos e trinta e nove) respostas ao tuíte do Papa Francisco. A API coletou os dados em *.json*, que posteriormente foram transformados em texto por meio de uma expressão regular.

Como ainda não existe nenhum tipo de inteligência artificial capaz de identificar o discurso intolerante com precisão e que esteja disponibilizada para uso público, a única maneira de selecionar as respostas para a análise é manualmente, lendo cada um dos comentários.

Para selecionar os comentários que contêm discursos intolerantes, consideramos as contribuições de Barros (2011; 2016), que categorizam como tais as enunciações que apresentam as seguintes características: 1) discursos que apresentam uma repulsa exacerbada do *nós* em relação ao *eles*; 2) discursos que visam defender e reforçar o *nós*;

3) discursos que consideram que o *eles* rompe pactos e acordos sociais; e também as contribuições de Amossy (2017a), que, ao tratar da violência verbal, afirma que ela se materializa, dentre outras características já discutidas em nossa seção de intolerância verbal, como 4) discursos que desconsideram ou ridicularizam o ponto de vista do *eles*; 5) discursos que visam atacar a identidade do opositor, e não seu discurso; e, por fim, 6) discursos que fazem uso de insultos contra o adversário como uma forma de agressão.

A partir da leitura de todos os comentários da publicação, identificamos 289 respostas que podem ser classificados como intolerantes e, dentre elas, cinco imaginários sociodiscursivos, sendo eles: o imaginário da pedofilia como prática ligada à Igreja Católica, o imaginário da corrupção como característica de quem apoia a mensagem do vídeo de Francisco, o imaginário de gado, o imaginário de esquerdista e, por fim, o imaginário de comunista.

No presente trabalho, analisaremos cada um dos imaginários sociodiscursivos de intolerância a partir de alguns comentários que representam uma amostra da totalidade do conteúdo dos comentários. Foram usados, neste trabalho, trinta e cinco exemplos de comentários intolerantes em que os imaginários sociodiscursivos de intolerância puderam ser identificados.

5 A argumentatividade nos imaginários sociodiscursivos de intolerância

A Teoria Semiollingüística do Discurso propõe que, para fazer valer sua opinião, “o locutor, mais ou menos consciente das restrições e da margem de manobra proposta pela situação de comunicação, utiliza categorias de língua ordenadas nos Modos de organização do discurso para produzir sentido” (CHARAUDEAU, 2009, p. 25). Isto significa dizer que todo enunciador mobiliza alguns procedimentos discursivos que podem ser classificados a partir da tipologia pensada por Charaudeau, que consiste em quatro Modos de organização do discurso, sendo eles: modo Enunciativo, modo Descritivo, modo Narrativo e, por fim, modo Argumentativo.

Neste trabalho iremos nos ater ao modo Argumentativo e a como ele se relaciona com a noção de imaginários sociodiscursivos, conceito que também advém da Semiollingüística. É importante pensar que a argumentatividade não se dá apenas a partir de argumentos e justificativas, mas aquilo que se caracteriza pelo não dito e pelo implícito também deve ser levado em consideração ao analisarmos este modo de organização. Para compreender a argumentatividade que o modo Argumentativo aborda, é necessário perceber que lidamos com aquilo que está na organização do discurso, e não somente com aquilo que está explícito nele.

Charaudeau aponta que toda argumentação parte de 1) uma Proposta sobre o mundo, que atravesse o senso comum; 2) um sujeito (locutor) engajado a esta Proposta; e 3) um segundo sujeito (destinatário) a quem o primeiro irá se dirigir a fim de argumentar e convencê-lo de sua proposição. A partir destes elementos, de acordo com o autor, há uma dupla busca: pela racionalidade e pela influência. A busca pela racionalidade é a tentativa de encontrar aquilo que é “mais verdadeiro”, que será verossímil na perspectiva do sujeito argumentante. Já a busca pela influência é a tentativa de compartilhar esta verdade encontrada pelo argumentante com o alvo de sua argumentação. É a tentativa de convencer o destinatário de que aquele universo discursivo seria o mais aceitável.

Entendendo um pouco mais sobre a noção de argumentatividade para Charaudeau, é possível afirmar que todo comentário realizado em uma rede social digital sempre terá um viés argumentativo.

No caso do vídeo do Papa Francisco, a Proposta é a mensagem veiculada no vídeo de que os juízes precisam trabalhar com integridade. A partir de então, qualquer usuário que comente respondendo à publicação terá uma atitude de engajamento quanto à Proposta. Este engajamento pode ser demonstrado como uma atitude de concordância ou de discordância em relação à Proposta, mas em ambos os casos a finalidade é persuadir um segundo internauta de que o universo discursivo mobilizado pelo argumentante deve ser levado em consideração. Entendemos, por isso, que os comentários em redes sociais sempre terão a argumentatividade como característica intrínseca, já que eles surgem como uma atitude de engajamento em relação à Proposta.

Tendo em vista as particularidades do gênero discursivo comentário em sites de redes sociais, nossas análises foram realizadas buscando identificar quais imaginários sociodiscursivos foram mobilizados nesses discursos, bem como classificá-los a partir de diferentes tipologias.

Antes de partirmos para as análises, no entanto, consideramos necessário explicitar em qual contexto de produção os cinco imaginários sociodiscursivos de intolerância identificados se formaram.

Inicialmente, não há um conteúdo que possa ser considerado polêmico na postagem veiculada, em que o Papa Francisco apenas pede para que os católicos rezem “para que todos aqueles que administram a justiça operem com integridade e que a injustiça que atravessa o mundo não tenha a última palavra”. Contudo, como abordamos anteriormente, para que a polêmica seja caracterizada, é necessário entender o contexto no qual está inserida.

A polêmica em questão aconteceu apenas na conta em português do Papa Francisco, enquanto nas outras oito contas oficiais, que publicam em diferentes línguas, não houve comoção na publicação em questão. Sendo assim, apenas os falantes do português interpretaram o conteúdo como polêmico. Isso aconteceu em função da atual polarização política brasileira, que causou um embate entre aqueles que apoiam e concordam com a mensagem do vídeo, grupo que, neste trabalho, trataremos como o grupo de engajamento, e aqueles que refutam e discordam do vídeo, grupo de não engajamento.

Esta polêmica se deu porque no dia 09 de junho de 2019, 25 dias antes da publicação do Papa Francisco, o jornal online The Intercept Brasil vazou mensagens particulares entre o ex-juiz federal Sérgio Moro e procuradores da Operação Lava-Jato, da qual o ex-juiz havia participado julgando diferentes réus, inclusive o ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva. O contato frequente por mensagens particulares entre ex-juiz e procuradores em conjunto com o aceite para ser Ministro do governo de Jair Bolsonaro fez com que muitos cidadãos e grandes portais de mídia começassem a duvidar da imparcialidade de Moro, que poderia ter favorecido Bolsonaro ao determinar a condenação de Lula, candidato à presidência que fez oposição a Bolsonaro em 2018. Com a confirmação da condenação em segunda instância, Lula foi preso² e teve sua candidatura rejeitada pelo TSE (Tribunal Superior Eleitoral), ficando impedido de participar da corrida eleitoral.

Com todos esses acontecimentos e tendo noção da polarização política entre adeptos da esquerda ou direita política, é possível entender toda a agitação dos internautas ao verem um vídeo publicado pelo Papa que pedia pela imparcialidade dos juizes. Os usuários interpretaram o apelo por uma justiça imparcial como uma crítica a Moro, tendo em vista que o vídeo foi divulgado vinte e cinco dias depois do vazamento das conversas do então Ministro. Por um lado, o grupo de não engajamento discordava do vídeo e admitia que talvez fosse melhor um juiz parcial do que ter corruptos à solta. Por outro, o grupo de engajamento se apoiou na mensagem do vídeo para reforçar a tese de que as ações de Moro seriam imorais e ilegais. Independentemente das razões de cada um dos grupos, ambos optaram por defender seu ponto de vista por meio da intolerância, mobilizando diferentes imaginários, que identificamos, analisamos e serão apresentados a seguir.

Além da noção dos imaginários sociodiscursivos proposta por Charaudeau, analisamos os imaginários identificados nas proposições de Barros (2011) e Melo

² Em junho de 2021, o Supremo Tribunal Federal considerou Moro suspeito e anulou todos os processos julgados pelo então juiz que envolviam o ex-presidente Lula. Ver em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-57589331>
Acesso em: 21 fev. 2022

(2020) acerca das temáticas mais recorrentes no discurso intolerante. Barros (2011) propõe quatro temas principais: a animalização do outro; a antinaturalidade do diferente; o caráter doentio da diferença; a imoralidade do outro. Já Melo (2020) avança e afirma que, além das quatro temáticas apontadas, há também outras três: a associação do outro ao pecado; a demonização do outro; a ridicularização do outro.

Como dito anteriormente, identificamos, dentre os 289 comentários intolerantes, cinco imaginários sóciodiscursivos. São eles: o imaginário da pedofilia como prática ligada à Igreja Católica, o imaginário da corrupção como característica de quem apoia a mensagem do vídeo de Francisco, o imaginário de gado, o de esquerdista e, por fim, o de comunista.

O primeiro imaginário sociodiscursivo analisado foi o da pedofilia como prática ligada à Igreja Católica, encontrado em 14 (quatorze) respostas intolerantes. Devido aos inúmeros casos de abuso sexual contra menores cometidos por membros ordenados da Igreja Católica, este imaginário de que há pedófilos na Igreja e de que a instituição não os pune tem sido difundido entre a população.

Dentre alguns³ dos comentários⁴ que mobilizaram o imaginário sociodiscursivo da pedofilia como prática ligada à Igreja Católica, temos:

- (1) O papa deve estar se referindo a ele mesmo, julgando os padres pedófilos...
- (2) Papa vai cuidar dos padres comedores de criancinhas!
- (3) Que video bacana, Papa. Agora faz um mostrando a pedofilia na igreja. Mas tem que mostrar o adulto segurando uma foto dele quando criança sendo estuprado pelos padres, ok? Saudades do Papa João Paulo II. #SomosTodosMoro
- (4) O Papa poderia cuidar de sua igreja que já é corrupta e pedófila o suficiente para ter milhões de posts contra esses temas. Deixa política e direito para quem de fato deve cuidar...
- (5) Ki bosta, maldito papa da Idolatria e da mentira, chefe de uma igreja morta, corrupta, nefasta, manchada de sangue inocente, de milhares de crianças vítimas de pedofilia, cometidas por padres e bispos psicopatas,- não tem nenhuma propriedade pra criticar o herói @SF_Moro
- (6) ESSE É O CHEFE DOS PEDÓFILOS E ESTUPRADORES DE CRIANÇAS
- (7) um pedófilo, corrupto, assassino acha q tem moral

Todas as respostas que apresentaram este imaginário foram direcionadas ao Papa ou fizeram menção a membros da Igreja, como padres e bispos, sem que

³ Nem todos os comentários analisados serão apresentados neste trabalho.

⁴ Os comentários foram reproduzidos na íntegra, por isso apresentam diferentes formas de grafia, que podem variar na norma padrão.

outros usuários também fossem acusados de serem pedófilos. Isso aconteceu justamente pelo fato de uma instituição que deveria ajudar a zelar pelo bem das crianças estar envolvida em diversos casos de pedofilia.

Por este motivo, as temáticas mais abordadas foram a antinaturalidade, o caráter doentio, a imoralidade do outro e a associação do outro ao pecado. As temáticas da antinaturalidade e do caráter doentio são identificadas em todos os comentários, a exemplo de excertos como “padres pedófilos” (exemplo 1), “padres comedores de criancinhas” (ex. 2), “padres e bispos psicopatas” (ex. 5), “pedófilos e estupradores de crianças” (ex. 6), etc.

No exemplo 1, o enunciador faz uma referência direta ao conteúdo do vídeo, que fala da imparcialidade dos juízes, afirmando que o Papa estaria falando de si ao julgar os casos dos “padres pedófilos”. Já em 2, o enunciador dá uma ordem a seu interlocutor: ele demanda que Francisco resolva a questão dos padres que cometem abusos sexuais, estabelecendo uma relação de superioridade por parte do enunciador em relação ao Papa.

A temática da associação do outro ao pecado pode ser encontrada em todos os comentários uma vez que, por fazerem referência a servos da Igreja, como bispos, padres e o próprio Papa, qualquer comportamento desviante será associado ao pecado, o que demonstra uma falha de tais membros para com o dogma católico.

O segundo imaginário que analisamos foi o da corrupção como característica de quem apoia a mensagem do vídeo de Francisco. Este imaginário se forma em decorrência do contexto sócio-histórico-político brasileiro, no qual a corrupção é um dos temas mais mobilizados nas discussões políticas e é compreendido, muitas vezes, como o maior problema a ser enfrentado pelos brasileiros.

Assim, podemos explicar o uso deste imaginário, neste contexto, lembrando que o vídeo pede por uma justiça imparcial, o que foi entendido por parte dos usuários como uma crítica a Moro. Se Moro, na visão desses internautas, era um exemplo de combate à corrupção e considerando que o vídeo poderia estar criticando Moro, então o vídeo estaria a favor da corrupção e, conseqüentemente, quem apoiasse a mensagem do vídeo de Francisco também seria corrupto. Dentre alguns dos exemplos encontrados que mobilizam o imaginário da corrupção, estão:

(8) Papa comunista..não sabe quem é o maior ladrão do Brasil.. defende Lula..

(9) PAPA Comunista por favor o pior Papa da história , cuida dos assuntos da igreja e deixa o Bandido PILANTRA vagabundo do Lula la PRESO.

(10) Não acredito, até o Papa é corrupto, em que planeta ele mora? 500 bilhões de desvio e esse cidadão a favor dos corrupTos, fim de mundo.

(11) Parece que o juiz MORO que é o CRIMINOSO e o condenado o inocente! Q feio! Q desprezível. O sr. esqueceu dos 10 mandamentos: roubar e matar e pecado MORTAL. Corrupção MATA faz sofrer e mata milhões de pessoas de forma anonima e silenciosa. Cada um é que sabe as agruras que passa.

(12) @Pontifex vai arder no fogo do inferno defendendo um Bandido que roubou o sonho de uma geração de crianças pobres.

(13) Papa de MERDA!!!! Defensor de CORRUPTO que lesa, dentre outras tantas canalhices, 500 BILHÕES de reais que podiam estar sendo usados em hospitais, por exemplo, seu imundo!!! Pessoas morrem por causa de corrupção seu MERDA. Que o CAPETA te receba no inferno!

(14) Olha só o estuprador defendendo corruptos... Nada de anormal.

Identificamos, dentre as respostas intolerantes que apresentaram o imaginário sociodiscursivo da corrupção, dezoito ocorrências, sendo quatorze direcionados ao Papa e quatro a outros usuários.

Dentre as temáticas nas quais baseamos nossas análises, uma delas é inerente a todos os casos deste imaginário: a de imoralidade. Isso acontece porque, ao falar de alguém que apoia a corrupção, automaticamente será necessário falar de sua índole. Se acusarmos alguém de ser corrupto, o acusamos de ser imoral.

Outra temática presente foi a da associação do outro ao pecado, como no exemplo 11, em que o enunciador afirma que o Papa teria se esquecido dos Dez Mandamentos e que roubar e matar são pecados mortais.

Além da associação do outro ao pecado, a demonização do outro também pode ser vista em excertos como “vai arder no fogo do inferno” (exemplo 12) e “que o capeta te receba no inferno!” (exemplo 13). Esses desejos expressam a certeza por parte do enunciador de que os posicionamentos de Francisco, além de serem imorais, são tão negativos que o levarão ao inferno, local de penitência eterna para os cristãos.

Há ainda os casos em que o imaginário de corrupção como característica de quem apoia a mensagem do vídeo de Francisco foi mobilizado para se referir a outros usuários, e não ao Papa, dentre os quais estão o ex-Presidente Lula e também internautas no geral, como nos exemplos 15 e 16.

(15) Cadê o dinheiro? Vai, sumir com um quarto do PIB nacional sem ninguém saber onde tá dinheiro é foda, principalmente que Lula foi preso por um triplex que nem 1 milhão devia valer, então cadê o resto? Você acredita em papai Noel Também? CADE O DINHEIRO, SUA GADO DO CARALHO

(16) Mas ele está defendendo um juiz que defende a verdade e não corruptos hipocritas..

Em ambos os casos acima a temática da imoralidade também se mostra presente. Em 15, ao perguntar sobre onde parte do PIB nacional estaria, o enunciador demonstra crer que Lula teria tal resposta e, por isso, aqueles que o apoiam estariam acobertando um caso de corrupção, enquanto em 16 a imoralidade é identificada na acusação de “corruptos hipócritas”, que são antagônicos ao “juiz que defende a verdade”, reforçando valores de moralidade e idoneidade do nós.

O terceiro imaginário analisado foi o de gado. Há, na construção deste imaginário, um forte caráter identitário, uma vez que o substantivo “gado” tem sido usado como forma de identificar determinados indivíduos. Desde a eleição presidencial de 2018, os apoiadores mais ferrenhos de Jair Bolsonaro têm sido chamados de “gado” por seus opositores, em alusão a uma pessoa que é facilmente enganada, persuadida. Assumindo um sentido político para o uso deste vocábulo, gado também seria alguém que segue aquilo que é dito pelos “superiores” sem questionamentos, assim como faz um rebanho sendo guiado por um vaqueiro. Por isso é possível ponderar que a temática da animalização irá perpassar todos os comentários intolerantes que mobilizaram o imaginário de gado, uma vez que um comportamento animaloide foi atribuído a todo um grupo social.

O imaginário de gado foi mobilizado em quinze comentários, sendo que, dentre esses, doze foram utilizações em respostas de engajamento, ou seja, comentários que usaram o imaginário de gado para apoiar a mensagem de Francisco, enquanto as outras três ocorrências foram em comentários de não engajamento, que mobilizaram o imaginário de gado para fazer oposição à mensagem do vídeo. Dentre os comentários de engajamento em que o imaginário sociodiscursivo de gado está presente, estão:

(17) Você acha que terá? Defendendo milicianos, assassino e corruptos. Bando de gado sem nenhum pudor e vergonha.

(18) Para esses doidos Jesus defende armas, milicias, assassinatos, pobreza, mentira, etc. Bando de gado que fazem o papel do djabo.

(19) A realidade játávisível pra todos a algum tempo, agora mais do que nunca. Mas com gado não dápra discutir ou argumentar, pq gado não pensa, gado não entende a função de um juiz e chama de herói, o papa vem explicar e mesmo assim não entende...

Há uma separação tão profunda entre o *eles* e o *nós* que somente a intolerância se torna viável, qualquer outra forma de diálogo passa a ser descartada. *Eles* são defensores de milicianos, assassinos e corruptos (exemplos 17 e 18), o que demonstra também a temática da imoralidade, *eles* são prejudiciais para a sociedade e por isso devem ser tratados de forma prejudicial.

Além das temáticas da animalização e da imoralidade, em 18 também é possível identificar o caráter doentio do outro no excerto “para esses doidos, Jesus defende armas”, evidenciando a falta de sanidade de quem faz parte do grupo que se opõe às ideias defendidas pelo *nós*. Ainda em 18, a temática da demonização do outro é observada em “bando de gado que fazem o papel do djabo”, demonstrando que a forma de pensar e agir do *eles* é tão grave que tais indivíduos estariam se comportando da mesma forma que o próprio diabo e isso deve ser censurado, o que justificaria o uso da intolerância.

Já em 19, a temática da animalização fica ainda mais evidente. Quando o enunciador afirma que não dá para discutir ou argumentar com gado, está dizendo que a capacidade cognitiva daqueles que apoiam e seguem Bolsonaro se compara a de um animal irracional como um boi ou uma vaca. Neste caso há uma generalização de que todos aqueles que apoiam Bolsonaro agiriam desta forma, sem questionar ou racionalizar sobre suas atitudes.

O quarto imaginário sociodiscursivo identificado como recorrente foi o de esquerdista, com o sufixo *-ista* sendo usado como formador de palavras que exprimem a noção de ser adepto a determinada ideologia, como em “capitalista”, “comunista” ou ainda “anarquista”. “Esquerdista” seria, então, uma pessoa adepta a governos de esquerda. Por conta do cenário brasileiro de polarização política e social, o apoio a governos de esquerda tem sido visto, pela parcela média da população, como sinônimo de apoio a políticos corruptos, o que passa a ser motivação para discordâncias e críticas. A associação feita é a de que uma pessoa esquerdista seria alguém mal intencionado, mobilizando a temática da imoralidade. Este imaginário foi mobilizado em quatorze comentários, sendo que oito foram direcionados ao Papa e seis a outros usuários. Alguns dos exemplos são:

(20) Hahahahhahah os esquerdistas satanistas que enfiam crucifixo no C. estão aqui reverenciando o papa. #MoroHeróiNacional

(21) Esse papa é visivelmente esquerdista hahahahhahahahaha

(22) Já vi esse mico antes ! É a cara da esquerda mentirosa, vagabunda e desinformada

(23) Esquerdistas ateus desesperados!!! Usando até o Papa. Vão todos para o inferno!!

(24) Tu defende o Lula, acho que não tem um exemplo melhor de gado do que vc, agora não sei como é que vc consegue raciocinar enquanto pasta. Aliás acho que támais pra jumenta, deveras não háesquerdista provido de cérebro.

Os comentários 20 e 21 são marcados por risadas dos enunciadores, o que caracteriza a temática da ridicularização do outro. Esta estratégia discursiva é utilizada pelos enunciadores para demonstrar o desprezo sentido por aqueles que pensam de forma diferente. Isso é feito de forma jocosa mesmo ao se referir ao Papa, como no exemplo 21, o que reafirma a noção de que nem mesmo a alta posição social do Pontífice é suficiente para poupá-lo da intolerância alheia.

Em 23 e 24 é possível notar a retomada da temática da imoralidade por meio de qualificadores como “mentirosa” (ex. 23), “vagabunda” (ex. 23) e, ainda, “ateus” (ex. 24), uma vez que o enunciador entende que a figura do Papa está sendo usada apenas para atingir um objetivo, então aqueles que não são católicos e estão se aproveitando da situação para defender um ideal também serão punidos com o inferno. Ainda em 23, no trecho “vão todos para o inferno”, é possível reconhecer a associação do outro ao pecado, confirmando a ideia de que, por estarem em um grupo ideológico opositor, os “esquerdistas” estariam transgredindo leis divinas. Em 24 é possível ainda identificar a temática da animalização do outro. O alvo do discurso intolerante seria alguém tão incapaz do raciocínio lógico que seria uma “jumenta”, associando o interlocutor a um animal.

Por fim, o último imaginário identificado foi o de comunista. Assim como o imaginário de esquerdista, esse surge em relação ao espectro político referente à esquerda, mas em uma esfera ainda mais extrema do que o imaginário de esquerdista. O termo “comunista”, por si, não deveria representar uma ofensa, uma vez que apenas designa alguém que apoia o sistema político e econômico proposto pelo comunismo. No entanto, devido a diferentes acontecimentos, este adjetivo tem sido usado como um xingamento e até mesmo como um rótulo, resumindo pessoas a esta única característica.

Isso se deu devido a inúmeros acontecimentos violentos ao redor do mundo envolvendo governos comunistas e tentativas falhas de instauração do modelo em diferentes países, além da proibição, para os católicos, de aderir a este modelo

social e econômico a partir do “Decreto contra o comunismo”, publicado pelo Papa Pio XII.

Dentre todos os 289 comentários contendo discurso intolerante, noventa e um mobilizaram o imaginário de comunista, sendo que oitenta e sete foram direcionados ao Papa e quatro foram direcionados a outros usuários. Ou seja, 95% das vezes em que o imaginário de comunista foi utilizado, o Pontífice era o alvo do discurso intolerante. Alguns desses comentários são:

- (25) Papa comuna
- (26) Papa COMUNISTAS FDP
- (27) Comunista de merda ...
- (28) seráque deus sabe que vc é COMUNISTA hein papa????
- (29) Vai tomar no teu cu papa comunista, tu envergonha Deus e a igreja
- (30) Vc é uma vergonha pro catolicismo, seu papa comunista!
- (31) Papa comunista..não sabe quem é o maior ladrão do Brasil.. defende Lula..
- (32) PAPA Comunista por favor o pior Papa da história , cuida dos assuntos da igreja e deixa o Bandido PILANTRA vagabundo do Lula la PRESO.
- (33) Que tempo nós vivemos, Papa Comunista! Faça um vídeo contra as Ditaduras Socialistas, duvido!!
- (34) Papa de merda, comunista, safado e sem vergonha!! Pra lamber as bolas de ditadores, ele sabe bem! A foto abaixo ilustra muito bem quem este canalha é de verdade!
- (35) Papa comunista.destruindo a igreja de dentro de seu seio.apoiador do assassino Maduro.Cala-se com as perseguições ao cristãos no mundo, diga-se China e países islâmicos.Covarde.

Acusar o atual Papa de ser comunista levanta a problemática de que nenhum católico, de acordo com preceitos da própria Igreja, deve se associar a este movimento. Ainda assim, este imaginário existe e comprova o que foi postulado por Charaudeau sobre os imaginários serem coletivos e fundadores da identidade de um grupo. Grande parte de um grupo, o grupo de não engajamento (que discorda da mensagem do vídeo), passa a ter uma mesma percepção: se o juiz responsável por colocar o maior representante da esquerda política brasileira está sendo acusado de ser parcial e o Papa pede pela imparcialidade dos juízes, o Papa está contra este juiz; se o Papa está contra o juiz, está a favor de políticos de esquerda; se está a favor da esquerda, só pode ser comunista!

Alguns comentários, como 25, 26 e 27, trazem apenas uma nomeação do Papa em conjunto com algum xingamento, então só é possível identificar a presença da temática da imoralidade nesses casos. Já em exemplos como 28, 29 e 30, há também a associação do outro ao pecado quando os enunciadores citam Deus e o catolicismo como forma de causar reflexão ao interlocutor, transmitindo o entendimento de que o comunismo não pode ser praticado por quem leva uma vida santificada.

Nos demais exemplos, de 31 a 35, os enunciadores mobilizam a temática da imoralidade ao dizer que o Papa estaria associado a ladrões (ex. 31), ditadores (ex. 33 e 34), dentre outros, sempre acusando o Pontífice de ter atitudes indesejadas pelo nós. Neste caso, ainda que o Papa seja o maior representante do catolicismo no mundo, ele é colocado em oposição aos enunciadores, que consideram seu ponto de vista como moralmente correto.

A partir da análise individual de cada um dos imaginários sociodiscursivos de intolerância, notamos, a partir de comparações estatísticas, algumas particularidades sobre cada um destes imaginários.

O único imaginário que visou a um único sujeito foi o da pedofilia. Como apresentamos durante as análises, os enunciadores direcionaram suas críticas a alguém que fosse membro da Igreja, como se pudessem criticar toda a instituição em decorrência de casos isolados de pedofilia.

O imaginário de corrupção teve como alvo, em 83% dos comentários, o Papa Francisco, o que pode representar uma aversão a uma personalidade estrangeira que interfira na política brasileira.

Já o imaginário sociodiscursivo de gado foi mobilizado apenas em comentários direcionados a usuários da internet sendo que 80% das vezes estava direcionado a criticar quem fizesse oposição à mensagem do vídeo de Francisco.

No imaginário de esquerdista, 57% dos comentários foram direcionados ao Papa e 43% direcionado a usuários que apoiavam a mensagem, apontando ao entendimento de que aqueles que defendem o conteúdo do vídeo devem ser de esquerda.

O último imaginário sociodiscursivo analisado e também o mais utilizado foi o de comunista, encontrado em 32% de todo o *corpus* da pesquisa, totalizando noventa e uma ocorrências. Dentre estes, somente quatro foram direcionados a outros usuários do Twitter, enquanto oitenta e sete foram direcionados ao Papa. Isso significa que os enunciadores que mobilizaram tal imaginário não procuraram

refutar tal modelo político, mas sim rotular o sujeito alvo desse discurso intolerante como alguém que deve ser banido e repudiado pelo nós.

Considerações finais

Diante dos crescentes casos de intolerância verbal na internet, compreendemos que a pesquisa deste fenômeno se faz cada vez mais importante e necessária. A noção basilar de liberdade de expressão que rege o uso desta ferramenta não deve ser tomada como absoluta, uma vez que os direitos alheios não devem ser ultrapassados pela liberdade particular.

Ainda assim, a polarização social e política brasileira tem transformado a internet em um terreno fértil para multiplicação de diferentes formas de intolerância, dando indício de que este tipo de discurso não é pontual, mas se repete em diferentes instâncias e se multiplica à medida que se multiplicam também os internautas. Isso demonstra que não apenas a internet tem sido intolerante, mas toda a sociedade.

No caso analisado, todas as respostas e reações à publicação só foram possíveis por causa do processo de midiaticização do discurso religioso, que permite que agentes das mais diferentes crenças passem a transmitir mensagens não somente espirituais, mas também com conteúdo sobre a realidade política e social das sociedades.

Como uma abordagem teórico-metodológica, a noção dos imaginários sociodiscursivos permite ao analista do discurso perceber a argumentatividade em expressões intolerantes. Dentre os cinco imaginários intolerantes encontrados, destacamos que apenas um imaginário, o de gado, foi mobilizado em relação ao grupo que discorda da mensagem publicada no vídeo do Pontífice. Os quatro outros imaginários foram direcionados àqueles que concordavam com a mensagem. Isso demonstra que a intolerância verbal, neste caso em que analisamos, foi menos recorrente entre os usuários que apoiaram a mensagem de Francisco, prezando que a justiça seja feita com imparcialidade.

Evidenciamos ainda que as análises realizadas não pretendem assegurar um caráter absolutista de verdade, mas sim uma possível interpretação dos comentários identificados como intolerantes, visando a uma modesta contribuição para os estudos do discurso em relação à argumentatividade inerente de tais manifestações.

Referências

- AMOSSY, Ruth. **Apologia da polêmica**. São Paulo: Contexto, 2017a.
- AMOSSY, Ruth. Por uma análise discursiva e argumentativa da polêmica. **EID&A – Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, v. 13, n. 1, p. 227-244, 2017. DOI: <https://doi.org/10.17648/eidea-13-1526>
- AQUINO JÚNIOR, Francisco de. “Uma Igreja pobre e para os pobres”: abordagem teológico-pastoral. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, Curitiba, v. 8, n. 3, p. 631-657, 2016. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/4497/449755227008.pdf>
- ASSIS, Denise de Souza; MELO, Mônica Santos de Souza. Analisando o discurso religioso midiático no programa DE FRENTE COM GABI: um contraste entre os discursos do Padre Fábio de Melo e do Pastor Silas Malafaia. In: MELO, Mônica Santos de Souza (org.) **Reflexões sobre o discurso religioso**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2017. p. 85-104. Disponível em: [http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/\[E-BOOK\]%20MELO%20-%20Reflex%C3%B5es%20sobre%20o%20discurso%20religioso.pdf](http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/nucleos/nad/[E-BOOK]%20MELO%20-%20Reflex%C3%B5es%20sobre%20o%20discurso%20religioso.pdf)
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. A construção discursiva dos discursos intolerantes. In: BARROS, Diana Luz Pessoa de (org.). **Preconceito e intolerância**. Reflexões linguístico-discursivas. São Paulo: Editora Mackenzie, 2011.
- BARROS, Diana Luz Pessoa de. Estudos discursivos da intolerância: o ator da enunciação excessivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 58, n. 1, p. 7-24, 2016.
- BRAGA, José Luiz. Comunicação, disciplina indiciária. **MATRIZES**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 73-88, 2008. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.1982-8160.v1i2p73-88>
- BUENO, Alexandre Marcelo. Sobre a intolerância: percursos semióticos. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 10, n. esp., p. 40-56, 2020. DOI: <http://dx.doi.org/10.22168/2237-6321-7esp1796>
- CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet**: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso político**. Tradução: Dilson Ferreira da Cruz e Fabiana Komesu. São Paulo: Contexto, 2008.
- CHARAUDEAU, Patrick. Identidade linguística, identidade cultural. In: LARA, Gláucia Proença; LIMBERTI, Rita. Pacheco (orgs.) **Discurso e (des)igualdade social**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 13-30.
- CHARAUDEAU, Patrick. Identidade social e identidade discursiva, o fundamento da competência comunicacional In: PIETROLUONGO, Marcia (org.). **O trabalho da tradução**. Rio de Janeiro: Contra Capa, 2009. p. 309-326.
- LOVELUCK, Benjamin. **Redes, liberdades e controle**: uma genealogia política da internet. Petrópolis: Vozes, 2018.
- MELO, Mônica. Da polêmica aos discursos de ódio: um estudo da recepção no twitter sob a perspectiva semiolinguística. **Revista de Estudos Linguísticos**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 1959-1982, 2020.
- MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.